

As memórias, o romance e o processo de leitura

The memories, the romance and the reading process

José Reinaldo Nonnenmacher Hilário¹, Ana Cláudia de Souza²

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Instituto Federal Catarinense – Campus Videira.
E-mail: reinaldonh@icloud.com

² Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Linguística, na área de concentração Psicolinguística, da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: ana.claudia.souza@ufsc.br

RESUMO: Assim como a narrativa literária é invariavelmente limitada, os caminhos de leitura também o são. Eles se prendem às amarras do leitor e suas memórias e ao texto. Neste artigo, analisam-se alguns aspectos do romance de memória *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque. São realizadas análises qualitativas inferenciais considerando não somente a construção narrativa do romance, mas também os desafios que este tipo de leitura impõe à memória do leitor. Em *Leite derramado*, Eulálio, um homem centenário que vive em um hospital ou em alguma sorte de casa de cuidados para idosos, conta ao leitor sua vida, focalizando em Matilde, sua esposa que se foi.

Palavras-chave: Memória; Literatura; Romance; Leitura.

ABSTRACT: Just as literary narrative is invariable limited, so are the reading paths. They are tied to the reader's moors and his/her memories and to the text. In this paper some of the aspects of the romance of memories *Leite derramado* (2009), by Chico Buarque, are analyzed. Inferential qualitative assessments are performed, taking into account not only the narrative construction of the romance but also the challenges this kind of reading imposes to the reader's memory. In *Leite derramado*, Eulálio, a centenary men who is living in a hospital or in some kind of home for elderly, tells the reader his life focusing on Matilde, his wife who is gone.

Keywords: Memory; Literature; Romance; Reading.

*O tempo da infelicidade: o esquecimento sem esquecimento,
o esquecimento sem a possibilidade de esquecer*

BLANCHOT, *A conversa infinita*, 2007

1 O romance e a memória: aspectos para leitura

Como ler um romance de memórias se a memória do narrador, claramente, não é confiável? Na longa tradição nacional de romances de memória, poucos questionam tão abertamente os limites entre a recordação e a invenção da memória do passado quanto *Leite derramado*, de Chico Buarque (2009). A proposta neste artigo é entender como esses limites se articulam para a criação da narrativa e de que forma a organização adotada no texto pode interferir nos processos e possibilitar a leitura. Para tanto, teoria literária e psicolinguística se complementam com vistas a essa compreensão, seja no que diz respeito à ficcionalidade e literariedade do texto, seja na exploração da narrativa realizada por um homem já senil, cuja memória apresenta fragilidades, lacunas, invenções, confusões, seja na discussão acerca das possibilidades e exigências de processos de leitura deste texto ficcional. Conforme tece Brisolará¹, a literatura existe em si mesma e circunda o sujeito e o conjunto de teias que o faz ser. O sujeito que produz e o sujeito que se defronta com o texto proposto se veem envoltos e envolvem a obra literária, que se constitui deles, com eles e para eles.

Neste ensaio, considera-se que memória não é pura expressão de realidade, mas recomposição de traços, em uma visão bastante individual, permeada pela autoimagem e ficcionalizada pela própria forma como biologicamente é armazenada e evocada em nossa mente. Nossa memória não é apenas a lembrança de uma melhor rota para a água, do cheiro da mãe ou de onde estão os melhores lugares de caça, como parece ser nos animais. Nossa memória é algo tão complexo, que tentar defini-la é como ter a pretensão de definir a palavra “eu”, tal como tentativamente o faz Eulálio,

¹ O texto de referência se encontra em fase de publicação (no prelo).

em *Leite derramado*. Sim, somos o que lembramos, aquilo que insistimos em recordar e também o que precisamos, teimamos ou fingimos esquecer. A memória não é, obviamente, uma linha reta. É um caminho tortuoso, feito de lacunas, sombras e trilhas, que vai dar em algum lugar/lugar algum, repleto de pré-juízos, exageros, fantasias, medos, fatos, supostos... um lugar onde se pisa só, onde não se pode ser outra coisa senão aquela que é a teia composta de cada lembrança que guardamos, apagamos e alteramos, de nossa versão de cada fato marcante, dos esquecimentos, do que é reprimido e da visão parcial dos acontecimentos, carregados de sentimentos e deturpações.

A construção do presente tampouco é feita somente de bons e felizes acontecimentos para que amanhã tenhamos exclusivamente boas recordações. Há limites muito estreitos nos modos como manipulamos o presente e projetamos o futuro com base em nossa experiência do passado, em um passado em grande parte artificial, que construímos por meios dos tortuosos, flexíveis e necessariamente criativos caminhos da memória. Evidentemente, muito do que ocorre em nossas vidas foge ao nosso controle ou é completamente aleatório. Como saber se, em um cruzamento, seremos mais felizes tomando à esquerda ou à direita? Impossível... Assim, para tornar nossa existência suportável, vamos urdindo a memória, reelaborando-a a cada vez que a evocamos e a organizamos em uma narrativa da qual somos o protagonista. Uma narrativa que não é a expressão do real, mas de como o real nos parece ou desejaríamos que fosse. Esquecer é, por vezes, uma necessidade de sobrevivência. Esquecemos, omitimos, reprimimos, fantasiemos, inventamos a memória. A história que contamos de nós mesmos é, em grande medida, uma fantasia, como essas que aparecem em romances. Possivelmente, é por isso que há qualquer coisa nas narrativas de memória como *Leite derramado*, de Chico Buarque, que nos atrai, que nos faz virar a

cabeça e movimentar os olhos ansiosamente como quem procura. Esse algo seja, talvez, nós mesmos nos reconhecendo ou reconhecendo nossa fantasia na fantasia do outro.

O modo como armazenamos a memória não é linear. Uma memória se liga a várias outras, mesmo que elas não estejam diretamente relacionadas, formando uma espécie de rede. Qualquer pessoa saudável, ao transformar sua memória em elocução, precisa acessá-la, evocá-la e organizá-la, de alguma forma minimamente coesa e coerente. *Leite derramado* materializa os fragmentos e reconstruções de uma memória já falha pelo avanço da idade e, quiçá, pela demência, que faz sofrer: “E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p. 10). Assim, possivelmente mais do que em outras narrativas de memória, o texto mantém *flashbacks*, confusões e fragmentos de memória, o que obriga o leitor a assumir um papel de coautoria frente a ele, semelhante ao de alguém que recompõe o fio narrativo, reorganizando e juntando esses pedaços de memória como que montando um quebra-cabeças incompleto, tal como no seguinte trecho:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

Impossível, pois nosso esforço de reorganização só nos levará a conjecturar. As lacunas de memória, os não-ditos, as histórias que se sobrepõem de forma confusa levam por terra qualquer certeza. Mesmo assim, nos empenhamos na tarefa de pôr ordem à memória desvanescente de um velho senhor, tomando como mapa a nossa própria memória, a nossa própria experiência em narrar a memória.

A despeito de toda memória ser algo único e particular (como experiência individual), existem aspectos comuns, sociais e históricos, que todos nós vivemos e lembramos (como experiência coletiva): a vida do colégio, o primeiro amor, as brincadeiras na rua com os amigos da infância. Acontecimentos comuns, que, ao contrário de tornarem a narrativa de memórias banal, possibilitam que nos identifiquemos com ela, nos encontremos nela.

Se somos o que recordamos, posto não poderemos fazer o que desconhecemos, tampouco enunciar aquilo de que não dispomos, somos também o que esquecemos e aquilo que registramos mas não se apresenta disponível ao nosso acesso. O acervo de nossas memórias, nossas experiências (individuais e coletivas), faz de cada um de nós aquilo que somos, faz com que sejamos seres únicos e irreplicáveis.

Todavia, a identidade individual não nos garante sobrevivência; não vivemos bem em isolamento; necessitamos formar grupos, interagir, nos comunicar, nos embrenhar no outro. Mesmo que por vezes claramente não pareça, o altruísmo faz parte da nossa constituição. Criamos laços por sangue, por cultura, por experiência, por contato, por afinidade e, baseados em memórias de alguma sorte compartilhadas, criamos agrupamentos. Isso nos fornece segurança, conforto, suporte, identidade coletiva (SOUZA, 2012, p. 27-28).

Não seria, então, isso o que faz com que as narrativas de memória se tornem, em certa parcela, também nossas? O que há nelas de estranho, de surpreendente nos encanta; mas é o que há nelas de conhecido que nos aproxima. Não só nos cativam as narrativas de aventuras extraordinárias e algum Ulisses viajante que enfrentou ciclopes, bruxas e deuses em mares distantes, “mas também escutamos com prazer o homem que nos narra como ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIM, 2012, p. 2014). Ainda que, ao contrário da citação de Benjamim, o personagem de *Leite derramado* passe longe do que seria ganhar a vida honestamente, e seja um sujeito que apenas vê a história passar por si, é o que há de trivial que torna

Leite derramado uma leitura agradável. Não pelo que há de extraordinário na narrativa de vida do centenário Eulálio Montenegro D'Assumpção (o que não vai além de ser espectador de alguns fatos históricos), mas pelo que há de frugal e cotidiano, naquilo em que podemos nos entrever; esse cotidiano amorfo e anônimo, que é o resíduo dos nossos afazeres diários e que chamamos tão arrogantemente de importante, que fica entre o desjejum e o vestir o pijama à noite. É o rumor de algo doméstico, de toda a matéria essencialmente inútil que nos é narrada e cuja função primeira é a de nos colocar lá, dentro do livro, como algo essencialmente real, factível. Por mais extraordinária que seja qualquer narrativa, há que ter em si o banal, essa matéria maleável que reside entre o assombro e o extraordinário; do contrário, não seria crível. O banal que vai nos arrebatar e colocar não como simples espectadores, nem, todavia, como figuras, mas como algo que não está nem dentro nem fora, que mora no entre-lugar das coisas inventadas e, ainda assim, verdadeiramente possíveis e próximas. Uma entidade que (des)monta a narrativa conforme seus interesses, que conduz ao tempo em que é conduzida, que está sob o umbral, sob aquela finíssima linha... equilibrando-se com alguma dificuldade. Alguém que toma para si o anônimo da obra. E, sem fazer alarde de sua identidade, reafirma o anonimato que há em todo romance.

O cotidiano é a platitude (o que atrasa e o que retumba, a vida residual de que se enchem nossas latas-de-lixo e nossos cemitérios, rebotalhos e detritos), mas essa banalidade é não obstante também o que há de mais importante, se remete à existência em sua espontaneidade mesma e tal como esta se vive, no momento em que, vivida, subtrai-se a todo enformar-se especulativo, talvez a toda coerência, toda regularidade (BLANCHOT, 2007, p. 237).

Há, no cotidiano, mesmo que alheio, algo que nos cabe. Um espaço indizível onde nos colocamos à vontade, como quem pisa, com a certeza

inquestionável de ser o primeiro, uma ilha deserta. Logo, há nas memórias de Eulálio um pouco de uma memória que é nossa, por mais estranho que isso possa soar. E é essa nossa particular característica de nos querer movimentar livre e irresponsavelmente dentro do espaço alheio, de sentir prazer em ouvir histórias de outros como se fossem nossas, que concede forças ao livro. Lemos os livros de memória não pelo que eles nos entregam, gratuitamente, mas pelo que tomamos deles, pelo que usurpamos. Todo grande leitor é um ladrão. Um ladrão sem culpa, sim. Mas não impune. Invadimos ao tempo em que somos invadidos. Roubamos quem nos rouba. Olhamos com um olhar que nos olha. Uma irmandade impossível! (Os olhares nunca miram na mesma direção.) E o que sobra é algo que se parece muito com uma espécie de angústia que atravessa o sujeito para além da representação da vida, que é toda a obra e se materializa em nós como algo pesado, duro. Uma condenação, um degredo. A certeza de se estar só, pois ninguém jamais haverá de entender o que sente um leitor. Ninguém jamais saberá onde pisa um leitor, o que ele roubou e no que ele foi roubado. E se lê que:

[...] No dia seguinte minha mãe me perguntou se os pais de Matilde lhe consentiam estar a sós comigo em casa, toda tarde depois das aulas. Mal sabia ela que, de noite, eu espreitava da minha janela de fundos a hora de Matilde pisar a relva do jardim na ponta dos pés, entre as amendoeiras e a casa dos empregados. Eu descia correndo e lhe abria a porta da cozinha, que Matilde apenas ultrapassava. Encostava-se na parede da cozinha, a respiração curta, e me arregalava os olhos negros. Em silêncio nos olhávamos por cinco, dez minutos, ela com as mãos na altura dos quadris, agarrando, torcendo a própria saia. E corava pouco a pouco até ficar bem vermelha, como se em dez minutos passasse por seu rosto uma tarde de sol. A um palmo de distância dela, eu era o maior homem do mundo, eu era o Sol. Via seus lábios se entreabrirem, e acima deles brotavam umas gotículas de suor, enquanto suas pálpebras devagar cediam. Enfim eu me jogava contra o corpo dela, pressionava o corpo dela contra a parede da cozinha, sem contatos de pele, e sem avanços de mãos ou de pernas, por

algum acordo jamais expresso. Com meu tronco eu a esmagava, quase, até que ela dizia, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremia inteiro, levando o meu a tremer junto. Sobrevinha-me um desgosto, depois uns pensamentos paralelos, o cachorro do vizinho, a cerveja gelada na Frigidaire, o lago quente em minhas coxas, o cachorro, minhas calças e cuecas esportadas, a Frigidaire que meu pai mandou vir dos Estados Unidos, a lavadeira mostrando minhas roupas à mamãe, a cerveja na Frigidaire que papai não chegou a ver. Quando dava por mim, estava colado nos ladrilhos da parede, porque num deslize Matilde sempre me escapava. E a cada vez eu ia inspecionar salas, quartos, banheiros, porão e sótão, fingindo crer que ela teria fugido por engano para dentro de casa. Muito mais tarde, depois que ela saiu da minha vida, mantive o capricho de procurá-la do mesmo jeito, toda noite, no chalé de Copacabana (BUARQUE, 2009, p. 45-47).

Já não é o personagem do livro que vê alguém que cruza algum jardim para as aventuras dos primeiros amores. É o leitor tomando a experiência para si, pintando com as cores da sua memória o desenho alheio. Agarramos o sentimento e o desejo que pairam, flutuando nas páginas do livro. O ubíquo na obra nos pertence. Está lá para que o tomemos e o vistamos, como um traje emprestado, que folga aqui e ali, cujas mangas são curtas ou longas demais, mas que nos serve. E, assim, o balanço de vida do velho Eulálio vai, aos poucos, sendo também o nosso.

2 Do livro para o leitor: um romance de memórias

Não é difícil entender o sucesso dos romances de memória entre os leitores, e já há uma longa tradição desta tipologia no Brasil. Romances de peso como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, *Infância*, de Graciliano Ramos, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, estão entre alguns dos exemplos

mais célebres. Logo, não é uma tipologia narrativa estranha ao leitor nacional. Nem mesmo são novos os recursos narrativos como o *flashback* ou a fragmentação, cuja linha narrativa vai, aos poucos, se desenhando, à medida que o leitor junta as peças embaralhadas do grande quebra-cabeças narrativo. Portanto, se não há novidade no livro de Chico Buarque no que toca à arquitetura do texto, há o encanto pelo texto bem narrado, há Eulálio, e os descaminhos da memória de um homem centenário, dividido entre as lembranças do passado abastado e o presente miserável. Há a memória decadente, fragmentada e corrompida, materializada no texto e nos seus modos de organização.

Eulálio é um homem que sabe estar chegando ao fim da vida. Tal qual um Brás Cubas, já não tem motivos para esconder nada e se despe dos pudores típicos da sua antiga classe social, e narra. Narra como quem deseja organizar o passado, entendê-lo para, talvez, poder esquecê-lo, apagá-lo, mas esbarra na sua condição senil, desorganizando aquilo que pretende organizar, pois a lembrança guarda em si o seu avesso, o esquecimento, como as faces opostas de uma mesma moeda, assim como o pensamento sobre a vida mantém em si o pensamento sobre a morte, a morte que não é o avesso da vida, mas o seu contínuo. A fala de Eulálio é um acerto de contas com a vida, como uma provável preparação para a morte. Desse modo, narra à sua confidente, uma enfermeira encarregada de pôr no papel suas lembranças, o que ele pretende apagar de si. Logicamente esse fio narrativo, como produto da memória, não é linear, ainda mais em se tratando de um narrador senil cuja memória apresenta fragilidades. Como uma linha de costura que aparece e desaparece do tecido narrativo, as memórias de Eulálio surgem e se apagam, para depois se remendarem, conduzindo-nos pela história de alguém que envelheceu e que precisa e tem muito a contar, mas repete histórias, se confunde, às vezes na certeza de tê-las coerentes:

Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa sua cara por aqui. Claro, você é a minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. Eu ia mesmo lhe telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos (BUARQUE, 2009, p.10-11).

Aquela que veio me ver, ninguém acredita, é minha filha. Ficou torta assim e destrambelhada por causa do filho. Ou neto, agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê. Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão. Veja só, neste momento olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo. Em compensação, recordo cada fio de barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo (BUARQUE, 2009, p. 14-15).

Contudo, há um indicativo nessas repetições: a memória que mais se evoca, mais se reforça, como um desenho em que um traço sobre um traço não o esconde, só o destaca. Um homem senil, possivelmente sofrendo de demência, certamente tenderia a lembrar com mais nitidez eventos que foram de alguma forma mais marcantes e, por isso, também mais evocados. Como diz o próprio Eulálio: “Com a idade a gente dá para repetir velhas lembranças, e as que menos gostamos de revolver são as que persistem na mente com maior nitidez” (BUARQUE, 2009, p. 163).

Conforme a história é narrada, fica patente a confusão de um narrador já demente, que confunde personagens, mas essa confusão fica quase sempre restrita às personagens cronologicamente mais recentes e não tão importantes na história de vida ativa dele. São sempre enfermeiras confundidas com a filha, incertezas sobre a vida do neto, bisneto e tataraneto etc. Já as do passado, centrais àquilo que é foco na narrativa, estão sempre

bem vivas na lembrança de Eulálio, o que não é incomum ao envelhecimento, denotando solidez na construção do narrador-personagem. Todavia, em Eulálio, parece soar como algo mais... Parece que já não há mais tanto interesse pelo presente, frustrante; parece preferir ruminar o passado, tentar reorganizá-lo, elaborá-lo, entendê-lo. Esse entendimento do passado passa, necessariamente, pelo exercício da linguagem. Dizer quem se é, sua história, exige uma profunda elaboração que transforma em linguagem o fato, as coisas e os seres guardados na memória. Como transformar uma história em palavras? Como dizer de si mesmo, quem se foi e por onde andou? É necessária certa cadência, uma música, que é o ritmo da vida.

O homem não preexiste à linguagem, nem filogeneticamente nem ontologicamente. Jamais atingimos um estado em que o homem estivesse separado da linguagem, que elaboraria então para “expressar” o que nele se passasse: é a linguagem que ensina a definição do homem, não o contrário (BARTHES, 2004, p. 15).

Assim, o que se repete na língua de Eulálio em *Leite derramado* é o que ele transformou de si pela linguagem, o que há de mais vivo em sua memória (para que ele se lembre e para que nós, leitores, também nos lembremos), e o centro dessa memória mais vivaz de Eulálio é sempre Matilde. Ainda que existam passagens cronologicamente mais antigas, por isso, anteriores a que Eulálio tivesse conhecido Matilde, elas parecem estar ali como que para explicar ou mesmo justificar a relação difícil entre o casal. Quase tudo de que se lembra tem alguma relação com Matilde. Memórias que se sustentam por seu vínculo qualquer com a lembrança de Matilde: a casa onde moraram, as coisas das quais ela gostava, os episódios da vida cotidiana. Mesmo na missa pela morte do pai de Eulálio, o que mais parece se destacar não é dor pela perda prematura, mas sim a lembrança da visão excitante de Matilde em seu vestido largo, “a mais moreninha das congregadas marianas” que cantavam no coral.

Matilde não é uma aristocrata, tem origem incerta, talvez seja bastarda ou adotada. Não tem sobrenome importante, nem os modos bem-educados e tem até a pele parda demais, no julgar da mãe de Eulálio:

Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai (BUARQUE, 2009, p. 20).

A virilidade espargida do pai, em Eulálio se derrama como uma torrente direcionada unicamente a Matilde, transformando-se em um amor obsessivo e atormentado, que se prolonga para além da existência da própria Matilde, convertendo-se em uma memória também obsessiva. Uma obsessão que o leva, inclusive, a dar à mulher a cor de um vestido laranja que lhe despertou ciúmes em certa ocasião, e assim Matilde aparece nas memórias de Eulálio quente, torrida, “sempre afogueada das tardes no areal de Copacabana” (BUARQUE, 2009, p. 5-6), ou “muito corada ou com ruge demais” (BUARQUE, 2009, p. 13), ou vestida em “um vestido cor de laranja” (BUARQUE, 2009, p. 45) e ainda “Mas ela teimou com o vestido de alças, cor de laranja.” (BUARQUE, 2009, p. 64). E, mesmo quando pensa ter surpreendido a mulher com um amante, lá está “seu vestido cor de laranja jogado numa cadeira” (BUARQUE, 2009, p. 155). A fixação por Matilde tem, na memória de Eulálio, o calor do laranja e o som sensual do maxixe. “A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado” (BUARQUE, 2009, p. 66). E, assim, a imagem que o leitor forma de Matilde é permeada da imagem construída por um marido ainda ciumento da mulher que, muito provavelmente, já morrera. E, na memória de Eulálio, Matilde morre de muitas formas:

Mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio-Petrópolis, e já era tempo de deixarmos sua alma descansar em paz (BUARQUE, 2009, p. 123).

E inclusive atrai desgraças, disse ela, guardar em casa os vestidos de uma esquizofrênica. É o tal negócio, ouve-se o galo cantar sem saber onde, alguém foi contar a Maria Eulália que a mãe terminara seus dias num manicômio. Então tomei suas mãos, olhei-a nos olhos e lhe revelei que, ao nos abandonar, Matilde rumou em segredo para um sanatório no interior do estado, onde logo viria a morrer de tuberculose (BUARQUE, 2009, p. 147).

Inclusive é coisa de gatinha, disse Maria Eulália, guardar na gaveta as quinquilharias de uma suicida (BUARQUE, 2009, p. 169).

Mas naquela noite ela se afogou porque o tempo enlouqueceu, o mar encheu num segundo e as ondas gigantes tragariam qualquer incauto que estivesse na praia (BUARQUE, 2009, p. 170).

Ela recebia o pároco da Candelária para um chá, escutei suas vozes no jardim-de-inverno: de pobre, dizia minha mãe, ela pegou doença de pobre (BUARQUE, 2009, p. 186).

É capaz de se recordar do bafo de álcool e do sotaque do homem, um estrangeiro que morreu com sua mãe numa capotagem na antiga estrada Rio-Petrópolis. Com igual convicção proclama que a mãe possuía se atirou de uma ponte, ou de um transatlântico, ou se afogou no naufrágio de uma jangada, abraçada a um pescador. E por culpa dessa mãe, devassa como a mulher do profeta Oseias, minha filha diz que cresceu sem amigas, levando trotes no telefone, e pior que ser chamada de filha-da-puta era a pecha de carregar a doença de Lázaro. Jura perante a assembleia que em criança andava com um guizo pendurado no pescoço, e que todo mundo na rua fugia dela, porque a mãe tinha se enforcado num leprosário (BUARQUE, 2009, p. 192).

De todas as possibilidades a respeito do destino de Matilde que o livro nos oferece, todas são possíveis e nenhuma é segura. Não porque queira o narrador nos enganar, mas porque esconde do leitor o que não ousa revelar a si. Lemos, então, *Leite derramado* não só pelo que narra Eulálio, mas também pelo que suspeitamos que ele nos esconde e esconde de si. É comum nas

narrativas de memória a fragmentação que força o leitor ao exercício de atar as pontas soltas, montar o quebra-cabeças, preencher lacunas, ir e voltar no texto. Contudo, em *Leite derramado*, a fragmentação dissolve o sentido unívoco do texto. Propositalmente, ele nos engana, confunde. As pontas soltas, deixadas pelo narrador demente, não se ligam nunca. Voltamos a folhear, insistentemente, o texto procurando onde foi que nos perdemos, que detalhe foi que nos escapou. Perdemos-nos de tal forma no labirinto de memórias de Eulálio, ao ponto de questionamos nossa leitura, nossa própria memória.

3 Do leitor para o livro: os processos de memória

Rímimi olhou o cartão, a rosa deitada, a pequena placa branca. “Riltse”, leu. Leu e pensou, com esse tempo que o pensamento gasta quando também está ocupado em lembrar, e depois disse o nome algumas vezes em voz alta, como se quisesse comprovar que ainda sabia como pronunciá-lo. Mas o corpo, ao lembrar, não é como a memória: sua vontade de esquecer é cem vezes mais obstinada. Rímimi - ou melhor, sua língua, chateada com esse desafio infantil que ele a obrigava a aceitar - tomou impulso, buscou ímpeto no “i”, esbarrou nas três consoantes do meio, retrocedeu, tentou outra vez, fracassou, investiu nelas com fúria e foi repelido. O tropeço o fez rir. Enquanto procurava onde esconder o cartão, perguntou-se se haveria outra coisa do passado que seu corpo, não ele, também se negaria a aceitar. Riltse. Soletrou em silêncio, com o estupor e a ternura daquele que depara, quando adulto, com as precárias maravilhas que enfeitaram sua juventude. Sentiu que uma estranha crueldade o invadia. Se a tivesse tido à mão, teria despedaçado toda a sua adolescência. Via tudo com o desapego com que um cirurgião contempla o órgão que deve estirpar, e ao mesmo tempo não podia deixar de rir. Era tão óbvio, agora, que o enigma Riltse não estava em seus quadros - tentou se lembrar de algum, mas tudo o que via eram a rosa deitada e a placa comemorativa - , e sim no efeito estrangeiro dessas três consoantes juntas. Riltse. Sua dicção progredia (PAULS, 2007, p. 168).

Em mais um exemplo de narrativa de memória, Alan Pauls narra, em *O passado*, o romance vivo, mas rompido e, de certa forma, estraçalhado para

cada um dos amantes, a partir das histórias, das memórias e dos corpos. Diferentemente do que há em *Leite derramado*, existem aqui memórias plenas, no auge da vida adulta de dois sujeitos que se construíram juntos, que compartilharam parte de suas vidas, juventudes e ideais. Trata-se de memórias que aprisionam, que são constitutivas dos seres, que não se permitem o abandono, mesmo no esquecimento. No excerto selecionado para introduzir esta seção que se dedica ao leitor, às suas memórias e aos seus processos de leitura de um texto de memórias, de um texto fragmentado, cujos traços por vezes nunca se encontram, nunca se vinculam, como é o caso de *Leite derramado*, o narrador se põe a falar da própria memória, da memória que é abstrata e se constitui mentalmente e da memória que está cravada no corpo, que resiste, que impõe suas forças e que, por mais que nos empenhemos em escarafunchar, resgatar e evocar aspectos que sabemos estar em algum lugar armazenados, nos impede de expressar, de materializar. A boca trava. A articulação se torna impossibilitada. E o passado - parece - torna-se quase estirpado, ali permanecendo, distante, mas presente.

E assim são nossas memórias, que se confundem entre aquilo que é corpo e aquilo que também corpo é, mas se organiza e desorganiza mentalmente. Assim somos nós. Sem memória, não o seríamos. Se ela nos aprisiona, nos amarra, é ela que nos permite viver, conviver, construir, projetar, elaborar, sonhar e também aprender. As memórias estão presentes, despercebidamente, nas mais diversas, específicas, cotidianas, vitais e ínfimas ações nossas. E estão presentes e são requeridas também nas atividades complexas e elaborativas, a exemplo da leitura, que aqui nos interessa discutir. Segundo Izquierdo (2011), não há atividade cognitiva que requiera tanto e em curto período de tempo da memória quanto a leitura.

Memória não é apenas aquilo que está disponível à lembrança e à recuperação ou evocação. É também memória o esquecimento e a re-

pressão. São também parte da memória processos de recepção, percepção, reconhecimento, codificação, armazenamento, consolidação e acesso às informações, mesmo quando não há possibilidade de evocação. Por mais que culpemos nossa memória pelos constrangimentos que diariamente enfrentamos ao esquecer chaves, compromissos, nomes de velhos conhecidos, o local onde estacionamos o carro, é exatamente essa uma das características, aparentemente pecaminosas e pouco confiáveis, que imprime virtuosidade, flexibilidade, amistosidade e riqueza à memória humana, conforme defende Schacter (2001).

Mas o que faz da leitura um processo complexo em termos das implicações das memórias? A resposta a essa questão pede que tentemos compreender o que está diretamente envolvido no ato de ler. Há, de um lado, o texto escrito, estímulo externo ao leitor, que se apresenta pronto, supostamente encadeado, concatenado e coerente (o leitor é parcimonioso e acredita nessas características do texto quando com ele se depara), e que se sujeita à leitura. E há, de outro, aquele que lê, o sujeito da leitura, que se depara com o material a ser lido, a partir de suas próprias expectativas, propósitos e universo. É o leitor quem define e determina as dinâmicas e as possibilidades da atividade de ler. Naturalmente, tais possibilidades não se apresentam livres; elas são dependentes e restringidas pelo grau de experiência e de conhecimento do leitor acerca dos processos de leitura. São as memórias dele que permitem a execução da tarefa e que entram em contato com aquilo que o texto apresenta, já estático, posto estar disponível à leitura de outrem (referimo-nos aqui a um leitor de texto acabado, não ao processo de monitoramento e revisão *online* ou *offline* que o próprio autor faz do seu texto ao produzi-lo).

As memórias às quais o leitor recorre no processo de leitura são complexas e de natureza bastante diversa. São memórias de língua

(ortográficas, fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas), de funcionamento, uso, organização, circulação e intencionalidade dos textos. São memórias corpóreas e de experiências com a língua e com aquilo que extrapola os seus domínios. São também memórias de procedimentos e ações, a fim de se embrenhar na execução da atividade de ler. Ademais, há que se considerar ainda a memória breve e fugaz, que não produz arquivos nem deixa rastros, cuja função não é armazenar, mas gerenciar, manipular e processar informações de modo a permitir a integração e, por fim, a ocorrência de compreensão: a memória de trabalho. Entre as memórias que registram e guardam informações, há aquelas cujo conteúdo é declarativo, são frequentemente explícitas e estão disponíveis ao relato de como foram adquiridas, tais como as episódicas ou autobiográficas e as semânticas. Há também as memórias procedurais, normalmente implícitas, os hábitos e procedimentos motores e sensoriais. A atividade de leitura, o acesso à língua e ao texto, o uso e o processamento exigem a atuação de todo esse conjunto de sistemas de memórias simultaneamente, seja para execução da operação de ler, seja para o acesso a informações de natureza linguística e de conteúdo extralinguístico veiculadas e implicadas na elaboração e nos meandros textuais e na produção de sentidos.

Se pensarmos linearmente nos processos e procedimentos de leitura – a leitura é uma atividade que guarda relativa linearidade, mas há processos cruzados durante todo o tempo –, a memória é requerida desde a fase de escolha do texto a ser lido. É com base nos conhecimentos prévios que selecionamos o material e que definimos as possibilidades de enquadramento dele, ou seja, a partir de qual ponto de observação, usando qual ‘objetiva’, o sujeito, na condição de leitor, consegue enxergar e explorar o texto, a partir de quais conhecimentos implícitos sobre como ler, o leitor consegue estabelecer contato e definir os modos de ação sobre o texto. Ainda que a definição dos

pontos de observação e enquadramento não sejam conscientes – a maior parte dos nossos movimentos efetivamente não o são –, esta atividade é realizada a partir de traços de memória. Tendo selecionado o texto, passamos a explorá-lo, numa atividade de manuseio, de vai-e-vem, de modo a tentar identificar o lugar de fala e as intencionalidades daquele que fala. Este movimento não é necessário, embora frequente. Dependendo do propósito da atividade de leitura e do contexto em que ela acontece, por vezes o leitor sequer seleciona seus próprios textos ou sequer faz uma análise prévia à leitura propriamente dita. Comumente, com textos literários, como este que é objeto de discussão aqui, a decisão pela leitura fica a critério do leitor, salvo nos casos de atividades escolares em que há pré-definição daquilo que deve ser lido pelo conjunto dos estudantes ou nos casos (bastante recorrentes) nos quais leitores ‘escolhem’ textos conforme a vaga em que entraram seus pares, seja por poder da mídia, seja por qualquer instituição que o exerça sobre os sujeitos que se tornam assujeitados (a exemplo do que ocorre com grande parte dos *bestsellers*).

Ao iniciar a leitura em si, num movimento linear, correndo os olhos de cima para baixo e da esquerda para a direita na página, acionamos conhecimentos prévios, armazenados nas memórias (acima descritos), acerca de: sistema linguístico, sistema de escrita, procedimentos de leitura, natureza do texto (embora a natureza do texto esteja no texto, não nas memórias, o reconhecimento dela depende do conhecimento do leitor e, portanto, da sua memória), conteúdos e vivências que de alguma sorte estejam relacionados àquilo de que o texto fala ou àquilo que se supõe que o texto fala. Ademais, conforme já explicitado, além do acesso às memórias remotas e de mais longo prazo, que estão em constante processo dinâmico de reorganização quanto mais acessadas são, há que se considerar os processos de memória de curto prazo, aqueles implicados na computação cognitiva. Aqui, referimo-nos à memória de trabalho, cuja função é muito

mais de manipulação dos estímulos do que de armazenamento. Aliás, sua capacidade de armazenamento é bastante limitada, servindo apenas ao processo de tratamento da informação, de sorte a promover à vinculação e o acionamento de outras memórias.

E assim vai, aos poucos e talvez de um modo um tanto caótico, dentro de uma organização e linearidade necessárias ao sucesso relativo aos propósitos, se desenrolando e desenvolvendo e tecendo a leitura. Os sentidos que se produzem vão surgindo à medida que a leitura avança, são revisitados e reconstruídos com os progressos e recuos na dança que o leitor executa com base nas notas do texto. A produção de sentidos a partir de um texto implica que se mantenha o cerne de seu conteúdo em mente; entretanto, tal conteúdo vai sendo retrabalhado a partir das próprias experiências e conhecimentos do leitor e das novas informações que o texto ele mesmo apresenta. Em *Leite derramado*, por exemplo, Eulálio inicia uma de suas conversas com uma enfermeira (que o leitor nunca sabe se é a mesma ou se se trata de enfermeiras distintas em seus turnos hospitalares) cuja cara ele diz nunca ter visto e, então, a reconhece como sua filha, a quem passa a reclamar da solidão e do local de internação e a projetar possibilidade de tratamento no exterior, com base em memórias de menino e de homem em sua tenra idade, nas quais há viagens a Paris em um transatlântico e recepção a estrangeiro no cais do porto, reiteradamente fazendo menção a Matilde, quente, corada, de cor laranja, como ele sempre a ela se refere. Em momento algum, nem neste nem nos próximos relatos, Eulálio parece se dar conta de que quem com ele esteve não foi sua filha (pelo menos é isso o que ao leitor pode parecer nas rupturas do texto):

Não sei por que você não me alivia a dor. [...] Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa sua cara por aqui. Claro, você é minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. [...] Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão

com você e com o seu filho. Mas se o garotão está tão rico, não sei por que diabos não me interna numa casa de saúde tradicional, de religiosas. Eu próprio poderia arcar com viagem e tratamento no estrangeiro, se o seu marido não me tivesse arruinado. Poderia me estabelecer no estrangeiro, passar o resto dos meus dias em Paris. Se me desse na veneta, poderia morrer na mesma cama do Ritz onde dormi quando menino. Porque nas férias de verão o seu avô, meu pai, sempre me levava à europa de vapor. [...] Sua mãe nunca tinha visto um navio de perto, depois de casada ela mal saía de Copacabana. [...] Chegado o dia, vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda. [...] E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai (BUARQUE, 2009, p. 10-12).

Como demonstrado ao longo da discussão que aqui propomos, a leitura de um romance de memória como *Leite derramado* requer significativo empenho cognitivo do leitor, uma vez que, em havendo informações desencontradas, não encadeadas e não concatenadas em virtude do envelhecimento daquele que narra suas histórias, o leitor precisa manter ativas informações por período de tempo superior àquele em que a memória de trabalho retém informações. Isso pode provocar declínio no desempenho em compreensão, ou por haver sobrecarga do sistema, ou porque o leitor simplesmente perde algumas das pontas que o narrador vai soltando ao longo da narrativa, a exemplo do que pode ocorrer em passagens como a seguinte, na qual Eulálio confunde e mescla as pessoas de quem fala e suas histórias, supostamente seus descendentes, a quem ele atribui o nome de Eulalinho, sem distinção, sendo neto, bisneto ou tataraneto seu:

Em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca, onde nos extorquem dinheiro sem investigar sua origem. Por que meu tataraneto, você sabe, faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradina nessa televisão, os dois algemados num aeroporto escondendo a cara. [...] E não sei por que não a esclareci antes, era visível como daí pra frente minha filha se tornou uma mulher mais arejada. Teve um parto sereno, durante um ano aleitou

o Eulalinho, lembrava Matilde em seu desvelo maternal. [...] Eu o levava de calças curtas ao Senado, fiz fotografá-lo na tribuna de onde seu bisavô tantas vezes discursou. O garoto não largava os livros de História, enchia a mãe de orgulho com as notas do boletim. Enfronhado em política desde cedo, chegou ao ginásio em condições de discutir, de igual para igual com seus professores, a situação periclitante do país. E um dia veio me comunicar que se tornara comunista. [...] Uma noite carregou suas tralhas numas mochilas, e minha filha entrou em desespero, disse que ele tinha partido para a vida clandestina. Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. [...] Tempos depois nos telefonaram para buscar uma criança no hospital do exército, era o filho do Eulálio e de uma sua comparsa que pariu na prisão. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografá-lo de calças curtas no Senado. Desde o princípio se mostrou um aluno sagaz, interessado em História do Brasil, discutia com seus professores de igual para igual, e um dia virou comunista. Diz minha filha que ele foi morto na cadeia, mas disso não se tem certeza, só sei que me telefonaram para buscar seu filho no hospital do exército (BUARQUE, 2009, p. 120-127).

Nas idas e vindas do texto, nas muitas leituras e releituras nas quais o leitor se pode perder ou estar, desde sempre, perdido, é possível encontrar passagens que parecem indicar a existência das três gerações de descendentes varões de Eulálio, ainda que, em outras passagens, elas se mesclam, como se não fossem tantas ou as mesmas de que o narrador fala. Nos excertos abaixo, parece haver um neto, Eulálio, que era comunista e morreu na cadeia, um bisneto, Eulálio, fanfarrão, que, ao que uma parcela do texto indica, morreu em um motel, e um tataraneto, também Eulálio, traficante:

O neto pobre calhou de estar na sua barriga, Eulálio d'Assumpção Palumba, o garotão por nós criado, que cresceu rebelde com toda a razão. Já maduro entrou nos eixos, mas você deve lembrar quando ele meteu na cabeça de ser comunista. Agora imagine a sua avó o que diria, neta casada com filho de

imigrante e bisneto comunista da linha chinesa. Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia, e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. Mas lembrança de velho não é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Américo Palumba mais magro (BUARQUE, 2009, p. 38).

Por baixo de uma batucada distingui sua cantilena triste, aguda, que subitamente deu lugar a gritos guturais, fode eu, negão!, enraba eu, negão!, e não sou homem que se melindre à toa. Mas assim que cruzei com ela, me vi compelido a lhe dizer, o negão aí é descendente de dom Eulálio Penalva d'Assumpção, conselheiro do marquês de Pombal. Depois me censurei por minha intromissão, mesmo porque, se eu fosse julgar mulheres pelo que falam na cama, Matilde também não era nenhuma santa. E nem todo dia me apareciam em casa moças à altura do meu bisneto (BUARQUE, 2009, p. 150-151).

Todavia lhes advirto que se alguém se atrever a me encostar um dedo, terá de se haver com meu tataraneto Eulálio. Por muito menos, ele em menino tocou fogo na escola, e depois de uma temporada num reformatório ficou mais genioso ainda. Mas nunca deixou de ser o quindim da bisavó, que passava os dias a pentear seus cachos, com medo de que encarapinhassem. E deu de ombros quando lhe comuniquei que o sacana andava me roubando, pois no futuro eu seria indenizado com juros. Não sei que tanto futuro Maria Eulália via nele, que já era um galalau do meu tamanho e nem curso primário tinha completado (BUARQUE, 2009, p. 171).

É notável o quanto o emaranhado das memórias do narrador e o emaranhado que ele só faz crescer quando as pensa acessadas e as tenta organizar provoca de conflitos e possibilidades de sentido ao leitor, um leitor que precisa se despir de pudores, de cronologias e de suas próprias memórias para construir outras que, de certa forma, também são suas. Uma leitura desatenta ou ingênua de obra como *Leite derramado* pode levar a enganos. Os limites da leitura de um texto como esse se impõem e se retiram, nas tentativas de organização do não organizável. A desrazão do narrador

vira a desrazão do leitor, pois neste caso não parece possível preencher as lacunas e aclarar o que se deseja que sejam fatos.

4 Uma escritura

Como toda narrativa de memória, *Leite derramado* é centrada no eu; contudo, nela essa posição narrativa, fruto de uma visão parcial, é assumidamente tomada. Afinal, mesmo o nome do personagem-narrador já nos deixa isso claro. Eulálio composição Eu + lálío, do latim *lalia* (falar), aponta para essa interpretação. O personagem mimado da infância ainda parece querer ser o centro das atenções. Seu discurso monológico manifesta sua verdade sobre os fatos. Ao tempo em que somos seduzidos pelas histórias de alguém que viveu muito, que gozou de uma vida abastada, conheceu e conviveu com pessoas interessantes, vamos tomando partido do narrador, enchendo-nos de simpatia por aquele que, depois de tantos anos, ainda sofre por amor à esposa. Porém, logo nossa perspicácia de leitor nos acorda para as histórias mal contadas de Eulálio, para as lacunas, os lapsos propositais ou não. E aquele leitor que, tão à vontade, havia entrado no mundo de Eulálio, agora se afasta, tomando a distância necessária a uma investigação a respeito do próprio caráter de Eulálio, pois disso depende nosso juízo sobre a história contada.

Juízos à parte, ou seja, crer ou não no que nos conta Eulálio, *Leite derramado* nos faz pensar um pouco sobre os limites de uma narrativa. Eulálio não narra o que pensa, apenas porque dissimula ou esconde, mas porque tal tarefa é impossível. Uma narrativa é sempre apenas uma tentativa de pôr ordem ao pensamento. Mas o pensamento, como ele de fato é, é irreproduzível. O pensamento é rizomático, fluxo contínuo que se derrama em vários planos. Uma narrativa não. Uma narrativa é limitada e tende a linearidade. Quando se narra, faz-se a opção de seguir apenas um fio, o que

significa omitir todos os outros. Ao ler (ouvir) o relato de Eulálio, não só estamos diante de uma narrativa que é parcial, por exigência do tipo de construção narrativa, mas também porque é impossível saber que fios do tecido da memória Eulálio omitiu. Há uma certa limitação em nosso trabalho de leitores na relação com o texto. Podemos conjecturar, preencher espaços vazios da obra, reorganizar o fluxo narrativo e concluir isso ou aquilo. Mas seria sempre a obra em nós e não a obra em si. E isso, ao passo que reduz as possibilidades, as amplia, da amplitude a que os pensamentos do leitor pode alcançar. A minha leitura de *Leite derramado* será sempre tão somente a minha leitura de *Leite derramado*, ainda que a obra subsista sem mim, talvez sem vida também. O que fica claro é que o fluxo do narrador fica limitado pelo instrumento narrativo. Esse instrumento narrativo, porém, desperta no leitor seu próprio fluxo de pensamento, que pode ou não seguir o caminho que desejava o narrador. Há limites ao narrar, há limites ao ler, mas não há limites ao pensamento.

Como muito de nossa leitura é nossa própria construção, é fruto da nossa própria torrente de pensamento, ela também nos espelha. Um reflexo que deforma/transforma, tal como expressou Brisolara²: "É quando encaramos a literatura nela mesma que podemos fazer com que sujeitos a enxerguem e também se enxerguem através dela". Um texto nos vê na mesma medida em que o vemos. Nós o invadimos na mesma medida em que somos invadidos. Uma tentativa de reorganizar a narrativa de Eulálio passa pela tarefa de reorganizar o que entendemos por narrativa e seus processos, desorganizar a nossa própria noção sobre o que é narrar, ou seja, assumir que a desorganização da obra também é incessantemente nossa, que também esquecemos, repetimos velhas histórias, reconstruímos velhas narrativas. Nossas memórias, como as de Eulálio, nunca param de acontecer

e, "se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida" (BUARQUE, 2009, p. 184).

Referências

- BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W. *Memória*. Tradução Cornélia Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2007.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.
- BRISOLARA, Maria Isabel Teixeira. Por que não literatura na escola? In: SOUZA, A.C.; BACK, A. C. P.; FINGER-KRATOCHVIL, C. *Objetivos de leitura: tempos e espaços para o ato de ler e para a formação do leitor e do professor*. (No prelo).
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- LIGHT, Leah L.; BURKE, Deborah M. (Ed.). *Language, memory, and aging*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- PAULS, Allan. *O passado*. Tradução Josely Viana Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- SCHACTER, Daniel L. *The seven sins of memory: how the mind forgets and remember*. New York: Houghton-Mifflin, 2001.
- SOUZA, Ana Cláudia de. (Re)memória, (des)memória e aprendizagem: caminhos para se pensar a atividade de leitura. In: SOUZA, Ana Cláudia de; GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. *A produção de sentidos e o leitor: os caminhos da memória*. Florianópolis: NUP/CED, 2012. p. 27-41.

Recebido em 25/01/2017.
Aceito em 18/10/2017.

² Manuscrito em fase de publicação.